



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

01 DE MAIO
PALÁCIO DO PLANALTO
BRASÍLIA — DF
DISCURSO À NAÇÃO BRASILEIRA PE-
LA PASSAGEM DO DIA DO TRABA-
LHO

Trabalhadores:

Passados os primeiros 45 dias do meu Governo, posso dizer a cada trabalhador brasileiro que vosso Presidente não esqueceu os compromissos do Candidato. Esteja certa a Nação de que, nos seis anos à nossa frente, haverei de cumprí-los todos.

Assim Deus me ajude.

Assim me ajude, também, a compreensão, o patriotismo e a cooperação dos brasileiros. Pois o progresso material, almejado por todos, só acontecerá na paz social, harmonizadas as aspirações dos vários grupos da sociedade, com perseverança, respeito recíproco e boa vontade.

Conheço muito bem as aspirações dos trabalhadores da cidade e do campo. Sei — por ter por ela passado, com minha família — como é dura a vida do pobre, do órfão, do desempregado, a quem faltam tudo e todos. Sei como é difícil juntar privações para delas tirar recursos.

Bem compreendo, por isso, a veemência dos que bradam contra as dificuldades e a impaciência daqueles que desejam solucionar tudo, aqui e agora.

O que nos cumpre fazer, entretanto, é encontrar caminhos sólidos para a concretização das aspirações sociais. Precisamos resistir às soluções falsas ou demagógicas, que só agravam a inflação e acabam reduzindo a oferta de empregos.

Todos os brasileiros sabem que atravessamos uma época particularmente difícil da vida nacional. Nos primeiros meses deste ano, em especial em março, a inflação voltou a disparar. Não há justificação técnica para o fato. Só que, como toda a gente esperava que a inflação subisse, ela subiu mais do que o razoável.

Seja o que for, o Governo agiu prontamente para resfriar a economia e defender o consumidor. Procuramos diminuir a pressão dos compradores sobre as lojas. Para que, havendo menos solicitações de crédito, os juros possam baixar.

Restringimos o acesso das empresas estatais e privadas ao crédito externo, para não agravar o endividamento do Brasil.

Voltamos a controlar os preços de produtos antes liberados.

Cortamos os gastos do Governo Federal.

Procuramos, enfim, distribuir o peso do combate à inflação entre todos, livrando, tanto quanto possível, os assalariados.

Decorridas menos de duas semanas já temos resultados. Modestos, inicialmente, como era de esperar. Mas na direção certa.

O índice de abril, embora ainda alto, será inferior ao de março. Esperamos todos, para o bem da família brasileira, que continue a baixar.

Entretanto, o jogo apenas começou. A partida não está ganha.

Para vencermos — e quando digo vencermos, quero dizer todos os brasileiros — ainda falta muito esforço e sacrifício. Tarefa de todos, cada setor, cada indivíduo é convocado a dela participar com entusiasmo e otimismo.

Do setor financeiro, espero pelo menos a redução da taxa de juros — efetivamente, sem subterfúgios ou artifícios. No interesse das próprias instituições financeiras, não deve cristalizar-se, na mente do público, a impressão de que o custo do dinheiro possa ser usado como instrumento de exploração.

Da indústria e do comércio, espero o controle dos custos, a melhoria da produtividade, a limitação das margens de lucros; a menor pressão sobre os compradores. Precisamos ter no mercado artigos mais simples e mais baratos, sem prejuízo da funcionalidade, e sem forçar o nosso povo a um consumismo desenfreado e perdulário.

Hoje, as famílias são induzidas a comprar mais e mais. Frequentemente, além de suas necessidades, fora de suas posses. O Governo não pretende desestimular as atividades econômicas, nem prejudicar a melhoria do padrão de vida do povo. Mas não pode assistir inerte o espetáculo de preços, custos e encargos em níveis da usura mais cruel.

Da agropecuária espero a produção de alimentos mais abundantes, como meio de ajudar a derrubar a inflação e a melhorar nossas exportações. Mais gente encontrando no trabalho da terra a realização que a cidade grande já não pode dar.

Dos trabalhadores, espero a participação dedicada e calorosa nesse esforço. Se os brasileiros todos não se engajarem na luta contra a inflação, será praticamente impossível ganhá-la. A inflação, é preciso repetir e lembrar, é sempre pior para os assalariados do que para as empresas ou os que vivem de rendas.

Conseqüentemente, aumentos salariais acima da taxa de inflação podem parecer coisa boa, no primeiro momento. Entretanto, na medida em que se generalizarem, os principais prejudicados serão os próprios trabalhadores.

Foi por isso mesmo que adotamos este ano um reajustamento de apenas 45,4% para o salário-mínimo, nas áreas mais desenvolvidas. Esse era o máximo que poderia ser concedido, sem agravar ainda mais as pressões inflacionárias.

Continuarei, contudo, a buscar a unificação do salário-mínimo, em todo o País, ainda em meu governo.

Por isso, respeitada a prioridade de não realimentar a inflação, pedi aos Ministros do Trabalho, da Fazenda e do Planejamento que continuem a procurar fórmulas para uma nova política salarial.

Entendo que a paga do trabalho deve ser instrumento de estímulo à assiduidade, à produtividade, e, principalmente, à melhoria da distribuição da renda nacional. Acredito que o preceito constitucional da participação dos trabalhadores nos lucros das empresas deva ser posto em prática, inclusive como meio de incentivar a unidade de interesses entre os donos do capital e os trabalhadores que lhe dão vida e ânimo.

Sei, também, que a consolidação das Leis do Trabalho — a nossa CLT — está desatualizada, necessitada de modernização corajosa, para refletir a nossa situação social que hoje vivemos.

Ao assumir o Governo, encontrei o anteprojeto da nova CLT, feito na administração Geisel. Não é um projeto final, mais um ponto de partida, para exame e discussão.

Assim, a partir de hoje, o Ministério do Trabalho iniciará a distribuição do texto, para receber sugestões, críticas, emendas e, enfim, a colaboração de todos os interessados em relações harmônicas entre empregadores e empregados.

Com essas contribuições, o grupo de trabalho encarregado da revisão da CLT poderá preparar o projeto definitivo, que espero poder enviar ao Congresso Nacional ainda em 1979.

Trabalhadores:

Bem sei quantas promessas já vos foram feitas. E quantas não puderam ser concretizadas em fatos e realizações.

De mim, direi apenas que falo com franqueza e ajo com determinação.

Sou homem da ponderação e da prudência. Mas não hesitarei em aplicar as leis existentes, diante de situações que ameacem a tranqüilidade da família brasileira, ou possam conduzir à desordem social. A principal característica do Estado de direito democrático é o respeito de todos à Lei.

Da mesma forma, considero elitistas as reivindicações de grupos que dispõem de forte poder de pressão. Isso porque só podem ser atendidas à custa de mais inflação. E, sobretudo, à custa de desemprego dos trabalhadores de renda mais baixa e sem a mesma força de representação.

Porque cumpro o que prometo, não prometo milagres. Como prioridade número um — não do Governo,

mas do Brasil, temos de dominar a inflação. Isso haveremos de fazer.

Peço portanto, a vossa confiança. E a vossa ajuda.

Confiança, pois o Governo precisa ter o respaldo do povo. Para conduzir o País, sem sobressaltos nem recuos, à paz da família brasileira, dentro da justiça social, sob o regime democrático, para o progresso que merecemos.

Ajuda, sob a forma de compreensão e patriotismo. Juntos chegaremos bem ao nosso destino.

Além do sacrifício, vejo dias luminosos de esperança e de paz.

Para chegarmos lá, o Brasil pede e espera a união de todos.

Muito obrigado.